



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

**PRÁTICAS DE CARTOGRAFIA PARA FUNDAMENTAR UMA EDUCAÇÃO
GEOGRÁFICA E QUILOMBOLA**

Matheus Eilers Penha¹

Dr^a. Cláudia Luisa Zeferino Pires²

Este trabalho busca entender como práticas de cartografia podem visibilizar a identidade quilombola e o pertencimento dos jovens quilombolas para fundamentar uma educação quilombola. A pesquisa acontece no Quilombo dos Alpes/Porto Alegre/RS em parceria com a Associação Quilombo dos Alpes Dona Edwirges e não trata de questões escolares, mas insere-se numa agenda de ações da comunidade, fruto de uma parceria com a universidade. A partir de duas oficinas, analisa-se o entrelaçamento entre território, lugar e identidade cultural, considerando que o pertencimento acontece a partir do cotidiano e de sua relação com essas questões trabalhadas nas cartografias. Foram produzidos mapas mentais individuais e um mapa colaborativo de marcadores territoriais das jovens quilombolas.

Palavras-chave: educação geográfica, educação quilombola, cartografia

A comunidade quilombola dos Alpes, situada em Porto Alegre/RS, autodeclara-se em 2005, dando início ao processo de reconhecimento pelo Estado e titulação da terra. Localiza-se na zona de crista dos morros da cidade entre os bairros Glória, Cascata e Teresópolis e seu território tem 58 hectares abrigando aproximadamente 120 famílias. A trajetória de vida de Edwirges Francisca Garcia da Silva, que foi a primeira moradora do morro dos Alpes, chegando no começo do século XX, onde muitos de seus descendentes permanecem até hoje, é que possibilitou a construção de uma territorialidade de resistência entre ela e seus descendentes.

“Vou fazê cento e quatro... agora. Por que quando eu vim pra cá, aqui não tinha igreja, não tinha casa, não tinha nada, era tudo mato, prá mim entra pra cá prá dentro desse mato eu tinha que abrindo assim, senão moiava a gente tudo, né! Ficava toda moiada do mato, não podia. E tinha só aquelas estradinha assim, curtinha como isso aqui, prá gente entrá nas casinha. Lá pra minha casinha onde eu morava, eu morava lá em cima. A igreja dos padre não tinha.” (Fonte: PMPA, Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. Relato obtido em 20/01/1993)

1 Professor da Rede Municipal de Cachoeirinha/RS e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFRGS. Contato: matheuseilers@gmail.com

2 Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFRGS. Contato: claudia.luisapires@gmail.com

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

A comunidade organiza-se através da Associação do Quilombo dos Alpes Dona Edwirges, composta por netas e netos, bisnetas e demais parentes da matriarca. A partir de uma demanda da comunidade em 2013 – o mapeamento de suas trilhas com o intuito de geração de renda –, que surgiu a relação entre o Quilombo e o Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente (NEGA).

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar como práticas de cartografia podem fortalecer pertencimento e identidade quilombola inseridas na educação geográfica no Quilombo dos Alpes. Isto foi possível com base em três objetivos específicos: i) compreender a relação de pertencimento dos jovens quilombolas com o território quilombola; ii) identificar os marcadores territoriais dos jovens quilombolas; iii) discutir a geração de ambiências presente no Quilombo dos Alpes a partir da Associação Quilombo dos Alpes Dona Edwirges para fundamentar a educação quilombola.

Esta pesquisa parte de uma abordagem qualitativa, pois é privilegiado o estudo da identidade cultural quilombola de forma que contribua para a educação geográfica, considerando-se uma educação antirracista e quilombola. Foram feitas oficinas para que os sujeitos pudessem se expressar na forma de mapas e representações cartográficas, com provocações feitas pelo pesquisador. Escolhemos os jovens em idade escolar do Quilombo dos Alpes – Porto Alegre/RS por já haver uma aproximação do pesquisador com a comunidade e essa demarcação etária se deve a uma necessidade que a própria comunidade através de suas lideranças já manifestou sobre uma lacuna de trabalhos com eles.

A escolha de não se trabalhar com as escolas que atendem ao quilombo e/ou os professores é por entender que a Associação Quilombola e a própria comunidade também são agentes da educação destes sujeitos. Também por não serem escolas quilombolas, mas regulares, fora do território quilombola, valorizar os processos educativos dentro do espaço da auto-organização política da comunidade é uma escolha política pertinente ao trabalho.

Configura-se uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 1985), uma vez que os sujeitos da pesquisa estarão envolvidos nas diferentes fases do trabalho dando rumo a ele e esta se insere numa agenda de trabalhos com a comunidade, a qual o pesquisador tem um envolvimento contínuo deste processo. Este não é um trabalho isolado com a comunidade

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

do autor, mas uma continuação de uma caminhada iniciada anteriormente e que seguirá de acordo com as necessidades apresentadas.

A pesquisa acontece com um grupo de adolescentes em diferentes faixas etárias, porém todos no ensino fundamental. Foram realizadas duas oficinas, uma usando a técnica de mapas mentais (KOZEL, 2007) para buscar o significado deles pertencimento a partir dos lugares que eles mais se identificam no Quilombo dos Alpes e uma a partir de uma carta-imagem da comunidade e arredores na qual eles grafaram sobre os lugares que gostam e os não-representados pela imagem.

A primeira oficina teve como objetivo o uso de mapas mentais para que os sujeitos retratem suas experiências e territorialidades no Quilombo dos Alpes e arredores. Foi disponibilizado giz-de-cera, lápis de cor, caneta hidrocor e folhas A3 brancas para cada participante. A prática partiu das perguntas “Você conhece toda a área do Quilombo? Quais lugares vocês mais gosta e mais frequenta? Por quê?” Para iniciar a execução dessa oficina, foi apresentado inicialmente o mapa mental do autor respondendo a essas perguntas. Após, a oficina foi conduzida de forma que permitiu analisar individualmente o que os sujeitos evocam quando refletem sobre o espaço em que estão inseridos e suas práticas espaciais cotidianas.

Na segunda oficina, utilizou-se uma imagem de satélite do território do Quilombo e arredores impressa em papel couché fosco de dimensão de 1m x 80cm colada em uma placa de folha Horlle. A imagem de satélite utilizada é do arquivo do NEGA/UFRGS e é propositalmente destoante do presente, ou seja, ela não é deste ano, nem do ano passado, mas de 2005 – para que os jovens ao ler ela encontrem objetos que não estão mais presentes ou não encontrem objetos recentes. O objetivo deste momento é que eles construam e reconstruam suas representações sobre o quilombo a partir de diferentes níveis de apreensão dos sujeitos da história de sua comunidade e criem ícones que representem marcadores territoriais de suas vivências. Por isso, esta atividade foi feita coletivamente, de forma que todos possam discutir e elencar quais marcadores eles querem manter ou não.

Realização:



As oficinas aconteceram na mesma tarde com o mesmo grupo de jovens. Depois de montarmos as mesas do lado externo da Associação Quilombo dos Alpes Dona Edwirges, convidamos todos a se acomodarem e começou a oficina. Houve uma roda de apresentação para que tanto eu quanto as crianças e jovens pudessem se apresentar, no qual elas disseram seu nome, sua idade e a escola que estudavam. Após isso, expliquei a elas a diferença entre um mapa mental e um mapa tradicional e fiz a pergunta-guia da primeira oficina: “Você conhece toda a área do Quilombo? Quais lugares vocês mais gosta e mais frequenta? Por quê?” e mostrei o mapa mental que eu havia feito anteriormente respondendo a essas perguntas.



Figura 1: Mapa mental do pesquisador.

Ao mostrar meu mapa, ajudei primeiramente na localização a partir do trajeto do fim da linha da ônibus até a sede – onde estávamos. Justifiquei os lugares que eu preferia e/ou mais frequentava e discutimos sobre a construção dos meus ícones para representar estes lugares. Com a Estrada dos Alpes dividindo meu mapa ao meio, fui questionado sobre a ausência de ícones de um lado do desenho. Respondi que não faria sentido eu desenhar algum lugar daquele morro, pois nunca havia ido para lá, não conhecia, apenas o



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

admiro de longe. Esta explicação foi uma parte decisiva desta oficina, pois alertou sobre as ausências do mapa – que são tão importantes quanto as presenças no desenho do mapa.

Os mapas produzidos diferiram muito entre si. Um mapa apresenta a vegetação verde e rala do topo do morro, uma forma de quadrado sem um lado que junto com a pessoa jogando bola se entende que é uma goleira, a forma amarela é a trilha que guia o campinho à sede da Associação Quilombo dos Alpes, representada de vermelho e as formas cinzas são os blocos de rocha que afloram no topo do morro. A autora deste mapa é a única a representar-se em seu mapa, em um lugar que gosta: o campinho – remetendo indiretamente aos valores civilizatórios afro-brasileiros, em especial à ludicidade. Destaca-se também em sua autorrepresentação que ela fez de caneta hidrocor marrom. Oyarzabal (2017, p. 29) fala da importância da cor utilizada para representar a pele em crianças negras – as quais desde a educação infantil são influenciadas a usarem o “lápiz cor de pele” (rosa claro) que leva à naturalização de um ideal de branqueamento. Outros dois lugares são representados neste mapa, além do morro, a trilha e a sede. A trilha do campinho, presente no mapa das trilhas, faz a ligação entre a sede e o campinho. Dentre os três mapas mentais, esta foi a única trilha a ser especificada, o que permite entender que é um dos espaços que a autora gosta/frequenta e não somente um elemento de localização do mapa, reforçando a presença das trilhas na comunidade e de sua cosmovisão da terra. A presença da sede também é importante, pois a autora ajuda a cuidar das crianças quilombolas enquanto seus pais trabalham e isso acontecia no espaço da sede. Isso mostra o cooperativismo/comunitarismo dos valores civilizatórios, assim como a ludicidade, pois ela era uma referência para o cuidado das crianças – que exige ludicidade.

Outro mapa tem como elemento central a casa da autora. Ela também fez uma vegetação empilhada, referente à inclinação e uma trilha que sobe o morro, sem destino específico. Sua casa é o espaço que ela mais frequenta e gosta, por isso focou o desenho nela. Entretanto, a ausência de outros lugares identificáveis em seu mapa mostra que ela vê sua casa afastada dos outros lugares do quilombo. Por ela fazer o mapa em visão horizontal, limitou a área que ela cobriria seguindo uma escala razoavelmente condizente: a maior parte de seu desenho é a representação da altitude do morro em relação a sua casa. Apesar da trilha representada por esta autora não ser identificável, é notável a importância

Realização:



que ela dá a ela: corta-se a vegetação e o morro, sendo um elemento diferente dos outros, pois é o único que não está pintado.

O último mapa a ser comentado apresenta o morro, o pôr-do-sol, uma trilha no centro e algumas construções no topo do morro. Antes da autora desenhar as casas, ela me falava que havia gostado do seu mapa, pois não necessariamente fazia referência a algum lugar do morro. De qualquer lado que visse o morro, poderia se ter essa visão: um morro alto, com ao menos uma trilha. Indaguei-a então sobre qual seria o lugar que ela representaria em sua condição de preferência ou frequência, ao que a autora me respondeu que “todo o morro é um lugar”. Um seguimento da pesquisa sobre o tema seria necessária para entender se a autora reconhece o quilombo nos dois morros presentes em seu território ou somente no morro habitado, entretanto, compreende-se que a autora partiu de uma análise mais geral e fez um mapa sobre todo o Quilombo para dizer que este era o lugar o qual ela gostava.



Figura 2: Mapas mentais produzidos nas oficinas.

Callai explica a formação do pertencimento e identidade no território e no lugar:

Este lugar é um espaço construído como resultado da vida das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. É, portanto cheio de história, de marcas que trazem em si um pouco de cada um. É a vida



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

de determinados grupos sociais, ocupando um certo espaço num tempo singularizado. Considerando que é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo, vai se configurando o espaço, e dando feição ao lugar. Um lugar que é um espaço vivido, de experiências sempre renovadas o que permite que se considere o passado e se vislumbre o futuro. A compreensão disto necessariamente resgata os sentimentos de identidade e de pertencimento. (CALLAI, 2004, p. 2)

As autoras dos mapas apresentam justamente o que Callai explicita no trecho supracitado: suas vidas, as vidas dos quilombolas que no morro vivem, seu trabalho expresso em suas moradias, as trilhas que estão também relacionadas aos chás que eles cultivam e fazem parte de seu conhecimento ancestral e o lazer, seja através do campinho, de sua própria casa ou da sede. Estes mapas estão vivos, são representativos de uma certa geração da comunidade quilombola. O cotidiano também está nos mapas, como, por exemplo, nas trilhas não-identificadas, as quais servem para ir à casa de parentes e amigos, à parada de ônibus tomar a condução para a escola, etc. Está é a apreensão do território quilombola destas jovens, que forma e é formada pela sua identidade e dá sentido ao pertencimento da terra.

Em seguida, deu-se início à segunda oficina, sobre os marcadores territoriais. Este momento começou com a apresentação da imagem de satélite impressa e depois expliquei como seria a dinâmica a partir da construção de ícones para os lugares que são importantes do Quilombo dos Alpes e que gostariam que fossem representados. Após um pouco de confusão acerca da orientação da imagem, localização e identificação de algumas estruturas físicas, começou-se então a confecção do mapa. À medida que cada autora identificava um lugar que gostaria de representar no mapa, era recortado um quadrado de folha branca, sobre o qual ela desenhava com caneta e então o fixava com um alfinete em sua posição na imagem. Ao total, foram 9 marcadores representados: o “laguinho”, a parada de ônibus mais , a sede da Associação Quilombo dos Alpes, o “muro dos padres”, a pedreira e um sítio de criação de cavalos.

Realização:



O exercício de mapeamento dos marcadores territoriais expressa as relações presentes entre território, lugar e identidade no Quilombo dos Alpes das jovens quilombolas. Pires et al (2017) nos mostra que “representar é pertencimento. Pertencimento é uso e ocupação, que é espaço. É também território, conflito, disputa de terras e de fronteiras. É lugar, onde permanecemos e vivemos com colaboração, solidariedade, trocas e convivência”. A pedra desativada é um espaço sagrado para os adultos, mas pelas crianças é adotada de forma lúdica há muitas gerações e isso se evidencia na fala dos moradores e das adolescentes.



Figura 3: Localização dos marcadores territoriais elencados pelas jovens.

As cartografias realizadas pelas jovens quilombolas são ricas, no sentido que explicitam as relações entre território, lugar e identidade cultural enquanto quilombola do Quilombo dos Alpes. Elas vão ao encontro dos mapas já consolidados da comunidade e os alimentam também. O território quilombola é essencial para sua existência. Talvez não mais numa relação de subsistência, mas sua identidade está intimamente vinculada ao território: valores como religiosidade, ancestralidade, ludicidade são indissociáveis deste. Os valores civilizatórios afro-brasileiros são muito nítidos ao elucidar essa questão e cabe à sociedade reconhecê-los enquanto fundamentais para a manutenção das comunidades quilombolas.

A Geografia enquanto uma componente curricular do ensino regular tem a responsabilidade para com os educandos de mostrar os quilombos sendo lugar de



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

resistência e liberdade. Contra uma ordem colonial que os criminaliza há 400 anos. Contra a sociedade que os estigmatiza, criando um dispositivo para manter límpida e cristalizada a hierarquia criada por ela. Práticas como as oficinas apresentadas têm o potencial de fazer emergir identidades e demais construções culturais, necessárias para o ensino comprometido em combater o racismo e o preconceito existentes, em parte culpa da ciência em questão. Utilizar o mapa é muito importante, pois subverte a ordem da cartografia enquanto uma ferramenta do Estado e agentes privados para justamente controle e manutenção de um status quo e torna ela acessível para a reivindicação, para a contestação.

REFERÊNCIAS

KOZEL, Salette. Mapas mentais – uma forma de linguagem: Perspectivas metodológicas in: KOZEL S. et al (org): **Da percepção e cognição à representação**. São Paulo. Terceira Margem, 2007. p.114-138

OYARZABAL, Larissa da Silva. **(Re)Construção da Identidade Racial**: uma prática de sala de aula para a educação antirracista na Geografia. (Monografia) UFRGS, 2017.

CALLAI, H. C. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8. 2004, Coimbra. **Anais....** Disponível em:
<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/HelenaCallai.pdf>. Acesso em: 12/09/18

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez,1985.

PIRES, C., ET AL. Corporeidades e paisagem: a cosmologia da terra no Quilombo dos Alpes/RS. In: Ana Francisca Azevedo; Nelson Rego. (Org.). **Geografia e (in)visibilidades**: paisagens, corpos e memórias. 1ed.Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2017, v. 1, p. 161-186.

Realização:

